



A PRAGA ESCARLATE E O VÍRUS DA LINGUAGEM

THE SCARLET PLAGUE AND THE VIRUS OF LANGUAGE

André Carvalho*

* carvalhoandre@outlook.com.

André Carvalho é mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP e doutor em Letras pela UNESP/Rio Preto. Sua tese sobre a representação do trabalho na televisão ganhou menção honrosa no prêmio CAPES de teses em 2019. Atualmente, realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Inglês na UFSC e é professor substituto na Universidade Federal do Paraná.

RESUMO: Este artigo discute *A praga escarlata (The Scarlet Plague)*, novela publicada em 1912 pelo escritor estadunidense Jack London. A obra detalha um futuro alternativo em que o planeta foi devastado por uma pandemia e a população restante vive em condições próximas à barbárie. A obra é examinada em relação a teorias de contágio e é interpretada como uma instância exemplar das transformações intelectuais e políticas da chamada Era Progressista. Detalhamos como teorias da microbiologia e da epidemiologia influenciaram conceitos nascentes de multidão e cultura, particularmente em teorias nascentes de sociologia e comunicação. Argumentamos que a novela pode ser lida como uma reflexão sobre as atitudes e as ambivalências de uma classe de intelectuais reformistas da época, que buscava encontrar métodos e linguagens originais para representar a nova realidade social dos centros urbanos industrializados na passagem para o século XX.

PALAVRAS-CHAVE: literatura estadunidense; distopia; contágio; Era Progressista; comunicação

ABSTRACT: This article discusses *The Scarlet Plague*, a novella published in 1912 by the American writer Jack London, describing an alternative future in which the planet has been devastated by a pandemic and the remaining population lives in conditions close to barbarism. The work is examined through the prism of theories of contagion, and is interpreted as an exemplary instance of the intellectual and political transformations of the so-called Progressive Era. We detail how theories of microbiology and epidemiology influenced emerging concepts of crowd and culture, particularly in the fields of sociology and communication. We argue that the novel can be read as a reflection on the attitudes and ambivalences of a class of reformist intellectuals of the time who sought to find original methods and languages to represent the new social reality of industrialized urban centers in the transition to the 20th century.

KEYWORDS: American literature; dystopia; contagion; Progressive Age; communication

“Naquela época, nós falávamos pelo ar, a milhares e milhares de quilômetros.” – *The Scarlet Plague* (p. 15)

A PRAGA DO LAISSEZ-FAIRE

Algumas linhas de investigação parecem óbvias quando levamos em conta a história da representação artística das pestes. Em primeiro lugar, podemos nos ocupar com a enumeração de obras que abordam diretamente o tema. René Girard (1974), por exemplo, lista obras clássicas de ficção que ficionalizam os efeitos das doenças sobre o corpo humano ou que situam a ação de comunidades em épocas e locais afetados por epidemias. A partir de autores como Boccaccio, Chaucer e outros exemplos literários discutidos por Girard, poderíamos chegar a obras mais contemporâneas, como os romances de Stephen King, adaptações e filmes originais de Hollywood, que acrescentaram ao rol de patógenos naturais elementos artificiais ou sobrenaturais, como armas biológicas ou infestações de zumbis. Outro caminho possível é cotejar representações com fatos históricos ou epidemiológicos: quais eventos reais motivaram autores, e como os sintomas descritos na ficção correspondem à realidade médica. Riva *et al.* (2014) analisam *The Scarlet Plague* (LONDON, 2011b) a partir dessa perspectiva, apontando a peste bubônica que assolou São Francisco de 1900 a 1904 como

material-fonte de Jack London. Os autores do artigo (médicos e historiadores) examinam a novela levando em conta a representação do quadro patológico e, principalmente, a descrição do comportamento e das atitudes da população frente à insuficiência das medidas públicas de contenção. Ambas as perspectivas, valiosas para a história da literatura, para o campo da intertextualidade e para a própria história da medicina pressupõem, não incorretamente, que epidemias existem desde tempos remotos e, portanto, que constituem um *tema*, um assunto passível de apropriação artística. O interesse liga-se à universalidade: a exploração da mortalidade, dos limites do corpo humano, do pavor individual e social frente à alteridade e à finitude, o que é reforçado por Girard, com sua associação entre doença e mito. Esse caminho pode também levar a generalizações sobre a condição humana ou, no pior dos casos, a conclusões supersticiosas: a doença como uma *mensagem* a ser interpretada ou como uma consequência divina de ações individuais. O conhecido ensaio de Susan Sontag, *A doença como metáfora* (1978), embora inicialmente trate de uma situação individual — que depois seria expandido com *Aids e suas metáforas* (1988) — repele essa abordagem e tenta chegar ao “grau zero” da doença, à sua desmistificação. Contudo, Sontag também depende da disseminação de pressupostos médicos e científicos. Todos esses métodos, de uma forma

ou de outra, reconhecem a historicidade das situações de doença, contágio e epidemia: cada obra representa um fato biológico à sua maneira, com acentos e omissões reveladores; cada leitura depende dos próprios meios, social e historicamente constituídos, de observar, abstrair e interpretar. Em outras palavras, ao mesmo tempo que a doença alude à redução ao denominador comum da biologia, nossas representações simbólicas relacionadas ao patológico sempre dizem respeito às condições do presente. Adorno, em seu ataque à metafísica, afirma:

A afirmação de que a morte é sempre a mesma é tão abstrata quanto não-verdadeira; a forma com a qual a consciência se acomoda à morte varia juntamente com as condições concretas em que alguém morre, e isso até o interior da *physis*. A morte nos campos de concentração tem um novo horror: desde Auschwitz, temer a morte significa temer algo pior do que a morte. (2009, p. 309)

Tratando dos relatos de Tucídides e Lucrécio, Boccaccio e Chaucer, Defoe e Alessandro Manzoni, Riva *et al.* percebem os fatores em comum da doença, “que não discrimina entre o bem e o mal” (2014, p. 1753). Mas, como na citação de Adorno, acima, é necessário identificar o que cada situação patogênica e a respectiva representação simbólica, seja individual/artística ou coletiva,

tem de particular. Para Jack London, a relatividade era óbvia: uma enfermidade representava “a grande rocha que causa o desastre no mundo da classe trabalhadora” (2014c, p. 7496). Enquanto isso, para quem não possuía capital nem segurança social, ficar de forma temporária ou permanente incapacitado de trabalhar era (e ainda é) radicalmente distinto da experiência contemplativa e reflexiva de quem podia se resguardar em um balneário.

O contexto histórico de London e suas inclinações socialistas são bem conhecidos. Ele é tipicamente citado como um avatar da Era Progressista (TICHI, 2017). O período vai de 1890 a 1920, e sua nomenclatura indica a reação das classes trabalhadoras aos desmandos dos *robber barons* (barões ladrões), capitalistas organizados em trustes e cartéis que faziam fortuna durante a industrialização dos Estados Unidos. Organizações populares promoveram reformas sociais significativas, como a adoção de um dos mais altos impostos sobre a renda, e colocaram em pauta a instituição de instrumentos de bem-estar social. A ambição reformista chegou até a formular um plano universal de saúde, projeto de Woodrow Wilson, derrubado por lobbies de associações de médicos (LEPORE, 2018, p. 364–382). Na arena da teoria econômica, foi um período de questionamento da doutrina do *laissez-faire* do liberalismo clássico¹; no campo intelectual,

1. Daniel T. Rodgers (1998) explica com detalhe a influência germânica na formação acadêmica de economistas influentes que passaram a refutar a doutrina “natural” do *laissez-faire*.

houve cruzamentos curiosos entre experimentação literária e política. Ignatius Donnelly, congressista pelo *People's Party* (Partido do Povo, ou Populista), publica *Ceasar's Column: A Story of the Twentieth Century* (1890), uma obra distópica ambientada em 1988, após um imenso período de progresso tecnológico que, contudo, não evitou a acentuação brutal da desigualdade. No romance, os *robber barons* aparecem como uma elite que controla a massa por meios despóticos, sequestrando donzelas e perseguindo inimigos. Mais interessante e muito mais influente, *Looking Backward: 2000–1887* (1890), de Edward Bellamy, apresenta a face utópica do avanço social e tecnológico conquistado por meio de um estado centralizado e da planificação inteligente da economia. Esse romance de ideias provocou uma forte impressão nos intelectuais e ativistas da década de 1880, e estimulou o surgimento de movimentos socialistas como os clubes Nacionalistas, que por sua vez foram incorporados ao movimento Progressista. Como se pode ver, o período de intensa busca por reformulações nos planos práticos e conceituais fomentou um ambiente literário propício à ficção especulativa.²

Iron Heel (2011a), publicado em 1908, é a obra de London que mais se aproxima de Donnelly e de Bellamy. O romance apresenta um futuro alternativo em que

grupos socialistas se organizam para provocar a revolução nos Estados Unidos contra a pressão de uma elite inescrupulosa. Boa parte do livro é composta de discursos do protagonista, o “intelectual orgânico”, no clássico conceito Gramsciano (1971), Ernest Everhard, que explica detalhadamente conceitos marxistas, como a teoria do mais-valor e os fundamentos da luta de classes. Levando em conta esse tipo de ficção, além da imensa obra jornalística e ensaística de London, bastante conhecida e divulgada na época, seria fácil chegar à conclusão de que a chave para a interpretação de sua obra, bem como de outros autores norte-americanos simpatizantes do socialismo, reside nos esquemas um tanto simplificados da ficção especulativa, em que heróis revolucionários (London), aristocratas bem intencionados (Donnelly) ou sistemas científicos de gerenciamento (Bellamy) apresentam uma alternativa ao *laissez-faire*.

À primeira vista, *The Scarlet Plague* poderia ser lido como uma instância radical desse esquema: o estado de barbárie descrito no romance, a situação de poucos sobreviventes após uma devastadora pandemia que ocorrerá há décadas condiz com a brutalidade do *laissez-faire* na época de London. O narrador, um professor de literatura, agoniza ao perceber que os belos frutos da civilização foram destruídos, e sonha com o dia em que eles serão

2. Utilizaremos os termos ficção especulativa, utopia/distopia e ficção científica de forma intercambiável, respeitando o fato de que, na época de London, ainda não havia consciência ou consenso a respeito de um *gênero* próprio tal como ocorreu a partir do século XX. Sargent (1976) oferece uma ampla bibliografia de obras desse tipo desde 1516 até o começo do século XX e observa o impacto de Bellamy, situando as eras do gênero em pré e pós-Bellamy.

redescobertos, como num ciclo infindável de progressos e regressões, um eterno retorno nietzscheano. A própria doença, como veremos a seguir, é descrita como uma consequência da modernidade. Ela se dissemina graças à aglomeração nas cidades e à velocidade dos transportes e da comunicação, como se no próprio progresso descontrolado germinasse a semente de sua destruição. Conforme distinguem Servitje e Nixon (2016, p. 6), trata-se de uma situação mais *endêmica* do que propriamente *pandêmica*.

Essa interpretação, no entanto, estaria incompleta sem uma compreensão mais aguçada do que a Era Progressista, de fato, representou. Como argumenta Lepore, o progressismo tem raízes no populismo anterior, mas também representa uma reversão das causas populares do socialismo (2018, p. 364). Assim, a obra de London pode ser lida não como uma defesa inequívoca da revolução, mas como a expressão de um momento ambíguo e contraditório de contrarreforma. O interesse em London se dá porque o autor é representativo. Ele perfaz um caminho similar ao de outras figuras de sua época, que vai do interesse (ou da curiosidade científica) a respeito da vida das classes trabalhadoras, com maior ou menor aproximação a ideias socialistas, até uma postura

de ambiguidade ou de ansiedade perante a ideia de “massas” e da democracia popular.³

EPIDEMIOLOGIA E SOCIOLOGIA, UMA LINGUAGEM COMUM

Na passagem do século XIX para o século XX, as ciências sociais em formação derivaram seus métodos e, em especial, sua linguagem, das ciências biológicas, como a bacteriologia, a virologia e a epidemiologia, que então já haviam se consolidado. Patricia Wald (2008) demonstra isso de forma inequívoca em relação aos Estados Unidos. Ela investiga a obra de autores como Jacob Riis e Robert E. Park, pioneiros de uma área que, na época, ainda se firmava nos interstícios do jornalismo, do comentário moral e social, e da descrição etnográfica situada em cortiços (*tenements*) e guetos (*ghettos*) de áreas urbanas como Nova York e Chicago. Em 1890, Riis (1971) utiliza frequentemente o termo *contágio moral* para expressar a noção de que nos ambientes precários e superlotados onde habitavam as classes trabalhadoras circulavam não apenas vírus e bactérias, mas outros elementos invisíveis: ideias e comportamentos que também se espalhavam indiscriminadamente pelo ar e ameaçavam a integridade social. Park, alguns anos mais tarde (1915), utiliza a expressão *contágio social*, revertendo o impulso de Riis e sua cruzada moral, mas sem abandonar a conotação

3. Como nosso foco imediato reside nas relações entre as teorias de contágio e *The Scarlet Plague*, não será possível explorar com todos os detalhes a importância da *ambiguidade* e da *ambivalência* da Era Progressista, já que isso dependerá de uma discussão mais abrangente da figura do *intelectual*, a ser retomada em artigo futuro. Por enquanto, deveremos aceitar a interpretação de Lepore, que vê no progressismo um movimento de contenção e de abafamento de impulsos revolucionários. Na conclusão, listaremos brevemente as razões pelas quais a obra de Jack London pode ser interpretada de acordo.

biológica. Segundo Wald (2008, p. 116), o termo torna-se frequente nas páginas do periódico acadêmico *American Journal of Sociology*.

Algumas das influências nessa época são significativas e vão informar tanto a formação desses autores quanto suas carreiras maduras nas primeiras décadas do século XX. Assim como os economistas da Era Progressista, Park também realizou pós-graduação na Alemanha. Foi orientado, dentre outros, por Georg Simmel, autor de uma teoria sociológica que tem como base também a vida na metrópole moderna e seus efeitos sobre o indivíduo (cf. SIMMEL, 1972). Gustave Le Bon, Gabriel Tarde e John Dewey são citados por Wald (2008, p. 132–133) como autores populares, cujas ideias informam o trabalho sociológico de Park. Le Bon (1937) e Tarde⁴ ampliam a circulação dos conceitos de *multidão* e de *público*, que refletem atitudes respectivamente negativa e neutra/científica em relação aos efeitos do coletivo sobre o indivíduo. A tese de Park na Alemanha, não por coincidência, intitula-se *Massa e Público* (*Masse und Publikum*). Dewey é, na verdade, influente em toda a academia norte-americana no final da época, e foi professor de Park na graduação em Michigan. Sua preocupação com a teoria e os aspectos da comunicação adiantam um tema que se tornará central desde sua época até hoje.

Todos esses autores ajudam a redefinir as concepções de cultura como uma imbricada rede de contatos, relações, influências, assimilações e resistências, termos que compartilham do vocabulário da epidemiologia. O viés negativo reflete (e cria) o medo da influência externa, seja o imigrante/estrangeiro ou o morador do cortiço e do gueto — no caso dos Estados Unidos, figuras coincidentes. Especialmente Le Bon (1937) será citado como um dos maiores responsáveis pelo conservadorismo que essa posição implica, o medo da contaminação e das influências (*influenzas?*) inconscientes que o grupo, a massa, a multidão, exercem sobre os indivíduos. A perspectiva neutra colabora na revolução das ciências humanas, que busca compreender o mecanismo das relações sociais sem julgamentos de ordem moral. Há ainda uma atitude positiva, que tem esperança nos processos de assimilação e de incorporação dos elementos estranhos para a formação de uma *cultura comum*. Assim como uma população se torna resistente a doenças, compartilhando tanto micróbios quanto anticorpos, diversos autores nesse período estão examinando os cortiços e os guetos para compreender como superar diferenças étnicas, religiosas e de costumes para chegar a uma situação de assimilação cultural, uma sociedade integrada que está no centro do mito do *melting pot* norte-americano. Essa é a ambição de Park.

4. Tarde chegou a escrever um romance de ficção científica pós-apocalíptica, *Fragment d'histoire future*, publicado na França em 1896 e traduzido para o inglês em 1905 como *Underground Men* (1974), com prefácio de H. G. Wells. Esse fato ajuda a comprovar a estreita relação que estamos discutindo neste artigo entre a sociologia nascente, a avaliação dos conceitos relacionados à massa e seus desdobramentos estéticos/narrativos. Especificamente sobre a relação de Tarde com teorias de contágio/viralidade, recomendamos a obra de Sampson (2012).

Tal diversidade de dimensões está presente na obra de London. Ele realiza, por exemplo, trabalho jornalístico-etnográfico quando escreve uma série de reportagens em 1902 sobre as condições das classes trabalhadoras em Manchester, em *People of the Abyss* (2014a). Seu tom é o do moralista-reformista, que anseia por uma transformação radical de costumes a partir das bases, mas que também percebe, tal qual Le Bon, que multidões obedecem a dinâmicas que ultrapassam os desejos conscientes de qualquer indivíduo. A teoria econômica marxista o auxilia a articular suas observações a conceitos objetivos e científicos de produção de valor e exploração, mas o autor também é notadamente xenófobo quando, por exemplo, escreve sobre a situação dos imigrantes chineses em São Francisco (DORSON, 2018, p. 15). A atração e o anseio, seja em confronto com a bactéria, o diferente ou o estrangeiro, além do conflito entre indivíduo e multidão, compõem algumas das ambiguidades fundamentais da obra de London, assim como do gênero de ficção científica como um todo, que frequentemente reimagina configurações possíveis desses elementos e novas tensões derivadas. Zumbis, por exemplo, são representados a um só tempo como agentes e produtos de *contágio* e como o resultado da transformação individual em uma massa indistinta e irracional. Embora não chegue a tanto, *The Scarlet Plague* também ficcionaliza uma redução à

barbárie, como a doença que, ao modo Oswald Spengler (1932) — outro influente contemporâneo de London — catalisa o declínio da civilização ocidental.

Wald, ao longo de toda sua obra, salienta que *contágio* implica em uma *doença comunicável*. A ênfase pode recair tanto no primeiro termo, doença, o que resulta nas comparações entre as ciências biológicas e a sociologia nascente, como no conceito de comunicação, uma área que adquiriu papel determinante na discussão pública, na política e na atividade artística do início do século XX. Os autores da época perceberam a necessidade de forjar uma nova linguagem para dar conta de um novo conteúdo. Os termos que tomaram emprestado da virologia serviram de ponto de partida, mas as necessidades jornalísticas e etnográficas implicaram o esforço maior de *tornar comunicável*, de encontrar uma forma de narrar experiências cada vez mais distintas — um “novo tipo de consciência”, nas palavras de Raymond Williams, resultante de uma “crise” (1984, p. 9). A cidade moderna era vista como uma complexificação da “teia da vida” — termo que Park adaptou de Darwin, assim como “simbiose” e “ecologia”, retirados da natureza e aplicados pelos estudos urbanos (PARK, 1939; WALD, 2008, p. 136). Disso resulta, dentre outras coisas, a consciência da dificuldade de narrar, um problema conceitual que culmina no

célebre ensaio de Benjamin, “O narrador” (1993), mas que pode ser retraçado até Simmel, “o predecessor sociológico de Benjamin” (JAMESON, 1999). Temos em mãos, agora, um desafio de natureza estética, caro aos artistas da época e incontornável para os escritores. A seguir, vamos argumentar que *The Scarlet Plague* pode ser interpretado analogamente. Com Wald, estamos relendo a gênese da sociologia através do prisma epidemiológico, e como isso culmina nas teorias da comunicação. Como veremos, a novela de London parte de uma situação de extinção biológica e chega a uma narrativa que perpassa problemas de comunicação de um narrador em meio a um público que já não o compreende, pois a experiência do personagem principal, um intelectual de elite, não encontra ressonância no mundo pós-apocalíptico da obra.

ESCARLATE OU VERMELHO

A situação do protagonista da novela, James Smith, ou “Granser”, organiza-se esquematicamente. Ele é um professor universitário, o único indivíduo alfabetizado em meio a uma horda de bárbaros que se distinguem pela destreza física e pela capacidade de violência na competição por comida e sexo. A novela inteira é um diálogo entre Granser e membros mais novos do clã, crianças ou adolescentes que alimentam o velho e que escutam relutantemente suas histórias do passado. Os jovens não

captam suas referências, nem parecem compreender o ato da leitura. Olham, pasmos, o velho passar os olhos por “pequenas marcas” que parecem “significar alguma coisa” (LONDON, 2011b, p. 7).⁵ Intellectalidade e brutalidade, velhice e juventude, impotência e destreza, cultura letrada e oral são algumas das dicotomias da novela. Granser enfrenta esse conflito radical de gerações para tentar comunicar o que ocorreu. São frequentes as pausas e observações do narrador sobre o modo de falar dos meninos:

O menino não exatamente enunciou essas palavras, mas algo que remotamente se assemelhava a elas e que era mais gutural e explosivo, e que economizava frases adjetivas (...) o discurso era próximo ao de um inglês que passara por um banho de uso corrompido. (2011b, p. 3)

Quando está sozinho entre seus livros, o narrador observa que a linguagem de Granser adquire “melhor construção e fraseologia. Mas, quando ele falava diretamente com os garotos, ela recaía, em grande parte, em formas rudes e mais simples” (2011b, p. 7). Também os gestos dos meninos são descritos com ojeriza: eles comem “não usando nada além das mãos, emitindo ruídos altos com a boca e estalando os lábios” (2011b, p. 4). Os julgamentos

5. Todas as citações diretas, quando retiradas de obras em inglês, são traduções próprias.

não se privam ao narrador, mas aparecem também no discurso direto de Granser direcionado aos jovens:

Vocês são verdadeiros selvagens. Já começou o costume de usar adereços com dentes humanos. Em mais uma geração, vocês estarão perfurando os narizes e orelhas, e vestindo ornamentos de osso e concha. Eu sei. A raça humana está condenada a afundar cada vez mais na noite primitiva, até novamente começar sua escalada sangrenta rumo à civilização. (2011b, p. 8)

Repetidamente, o narrador salienta a posição do velho, que protesta e resmungo perante “o desrespeito pelos idosos e a reversão à crueldade de todos os seres humanos que caíram da alta cultura para as condições primitivas” (2011b, p. 9). A perspectiva de isolamento e de impossibilidade de comunicação entre a “alta cultura” e a “cultura primitiva” resulta em outro diálogo significativo para nossa perspectiva:

— Ele [Granser] está sempre dizendo isso — [Hare-Lip] falou para Edwin — O que é escarlate?

— “O escarlate dos boldos pode me sacudir como o grito das cornetas que passam” — o velho citou.

— É vermelho — Edwin respondeu à pergunta. (...) — Escarlate é vermelho, eu sei disso.

— Vermelho é vermelho, não é? — Hare-Lip grunhiu. — Então, de que adianta ser metido e chamar de escarlate?

— Vermelho não é a palavra certa — foi a resposta — A praga foi escarlate. O rosto e o corpo inteiros ficavam escarlate em uma hora. Eu não sei disso? Eu não vi isso acontecer o suficiente? Estou dizendo que era escarlate porque... porque era escarlate. Não existe outra palavra para isso.

— Vermelho é suficiente para mim — Hare-Lip resmungou obstinadamente — Meu pai chama vermelho de vermelho, e ele deve saber. Ele diz que todos morreram da Morte Vermelha. (2011b, p. 7)

Em disputa está o nome da praga que assolou o planeta, mas a primeira resposta de Granser, “o escarlate dos boldos...”, parece vaga e irrelevante. Na verdade, refere-se ao poema “A Vagabond Song (Uma canção vagabunda)” de Bliss Carman, poeta canadense que residiu nos Estados Unidos. O procedimento ocorre em outros trechos da novela: o velho faz citações eruditas em vão, enquanto os jovens disputam a autoridade sobre a nomenclatura. Não há nada de intrinsecamente justificável

na escolha de uma palavra ou de outra, vermelho e escarlate são sinônimos. Contudo, o que está em questão são as associações possíveis: uma palavra remonta à poesia e à literatura, como *The Scarlet Letter*, de Hawthorne; a outra, monossílabo (*red*), parece descrever de forma mais imediata uma propriedade bruta. Até a métrica é diferente: “*the scarlet plague*” compõe um dímeter iâmbico, comum na poesia inglesa; enquanto “*red death*”, com duas sílabas curtas sucessivas — podendo ser lidas ambas acentuadas (verso pírrico) ou desacentuadas (espondeu) — resulta em falta de contraste e monotonia. A distinção de significados depende inteiramente da história dos leitores e de seu conhecimento da tradição. A disputa sobre um fato biológico e semântico, a definição da praga, nos leva a um fato cultural.

Wald (2008, p. 137), citando Park, mostra que o sociólogo distingue a ecologia animal da humana, pois esta seria “organizada em dois níveis, o biótico e o cultural”. O nível biótico, segundo Park, seria organizado pela “competição”, enquanto o nível cultural seria baseado “na comunicação e no consenso”. Na novela, o nível biótico de fato é o da competição, assim como o *laissez-faire* justifica e naturaliza a competição do mercado; mas o mundo da comunicação, da perspectiva de Granser, está se

desfazendo. Como falar com os “netos” iletrados? Quem captará suas referências?

LIPPMANN E OS MANIPULADORES DA OPINIÃO PÚBLICA

Jill Lepore, descrevendo o período em questão, salienta a guerra comunicativa em curso. Na verdade, toda sua história dos Estados Unidos enfatiza a importância dos meios de comunicação e das principais figuras que batalham pelo controle das narrativas. Magnatas do jornalismo, como Joseph Pulitzer (do prêmio homônimo) e William Randolph Hearst (que inspira *Citizen Kane*) constroem suas carreiras alardeando o apreço aos “fatos, fatos, nada além dos fatos” (2018, p. 349). Henry Luce, fundador da revista *Time*, inicialmente pretendeu chamá-la de *Facts* (LEPORE, 2018, p. 412). Como vimos, o fundo comum de ciências naturais, sociais e jornalismo, profissões que se consolidam nessa época, parecem fundamentar a preocupação com a verdade factual. Contudo, Lepore vai mostrar ao longo do livro como essas personalidades e grupos de interesse, a partir de “fatos” sociais, biológicos (e pseudobiológicos) ou jornalísticos, atuam de acordo com interesses políticos, manipulando pesquisas, privilegiando candidatos e colaborando com agências de propaganda que afetaram de forma significativa o curso da democracia norte-americana. Mais importante para

nós é perceber que todos enfrentam a mesma querela de Granser e Hare-Lip: como narrar um “fato”, a doença que dizimou a população? Rapidamente, ciências sociais são instrumentalizadas em pesquisas de marketing político, e do jornalismo nascem as relações públicas. Seus principais praticantes na época, como Ivy Le, uma das primeiras assessoras de marketing eleitoral, chegam ao extremo de afirmar cnicamente, agora *contra* a ideia de uma realidade objetiva, que “fatos não existem ou, pelo menos, que não podem ser reportados ... tudo o que posso dar é *minha interpretação dos fatos*” (LEPORE, 2018, p. 412, grifo da autora). A visão retrospectiva de Lepore percebe já aí a semente do que hoje se denomina *fake news* — e vale ressaltar que continuamos a utilizar termos como “viralidade, disseminação, propagação”, originários das ciências naturais. Edward Bernays, o publicitário que adapta com sucesso as teorias sobre o inconsciente de seu tio, Sigmund Freud, articula o poder dessa retórica, não apenas para estimular o consumo, mas também para direcionar os caminhos políticos. Ele afirma que “a manipulação inteligente e consciente dos hábitos organizados e das opiniões das massas é um elemento importante em uma sociedade democrática” (1928, p. 9, também citado por LEPORE, 2018, p. 414). Bernays ainda consegue defender a neutralidade do termo, assim como a de “propaganda”, título de seu livro (1928). Tal qual as ciências

sociais, a ideia de que o “caos” pode ser “organizado” (expressões de Bernays), com a compreensão racional e a aplicação do “mecanismo pelo qual as ideias são disseminadas em grande escala” (1928, p. 20) não implica necessariamente em uma sociedade totalitária, dominada por uma elite manipuladora. Essa abordagem sugere inclusive que cada grupo ou associação possa (e deva) conhecer tais leis para conseguir avançar seus próprios objetivos. Bernays reserva a avaliação moral para o conteúdo dos interesses particulares, não para a forma como circulam.

Bernays foi leitor assíduo de Walter Lippmann (LEPORE, 2018, p. 414), o notável comentador e teórico da comunicação, amigo dos presidentes norte-americanos Herbert Hoover e Theodore Roosevelt. Lippmann influenciou as políticas públicas do país (LEPORE, 2018, p. 362; STEEL, 1980), tanto diretamente quanto por meio de sua obra mais lida e divulgada, *Public Opinion* (1998). No espírito de Le Bon, o intelectual se dedica a compreender o funcionamento das massas/multidões, alertando para o fato de que o poder nas mãos do povo significaria uma ameaça à democracia. Sem um líder competente, a massa se comportaria como uma “manada desembestada [*bewildered herd*]”, que “pisoteia [*tramples*]” e “ruge [*roars*]” (LIPPMANN, 1998, p. xx). A linguagem de Lippmann, que bestializa, é próxima àquela do narrador

de *The Scarlet Plague*. Outras semelhanças com London são marcantes: Lippmann também se aproxima do socialismo durante a juventude, publicando o periódico *The Masses* (STEEL, 1980, p. 23–32); London, quando jovem, fazia parte do grupo *The Crowd* (TICHI, 2017). Ambos percorrem o caminho de empolgação com as possibilidades de um governo popular, mas se desiludem ao ponto da ambivalência (London) e do pavor (Lippmann) perante a democracia direta.

Lippmann é ainda central na articulação de um “novo liberalismo” após a Primeira Guerra, quando se realiza na França um colóquio em sua homenagem, onde os principais economistas da época discutem propostas para reavivar o liberalismo cada vez mais desacreditado. O evento se dividiu entre aqueles que, com Lippmann, defendiam o abandono das doutrinas do *laissez-faire* do liberalismo clássico, e teóricos como Hayek e Von Mises, que argumentavam em favor da radicalização do livre mercado (DARDOT; LAVAL, 2016; DENORD, 2009). O que une ambas as posições, contudo, é o pressuposto de que qualquer tipo de democracia direta deveria ser abandonado: ao governo caberiam líderes (elites) técnicas competentes (Lippmann) ou os mecanismos do mercado e da competição (Hayek e Von Mises). Todas essas figuras tinham a consciência de que o destino da civilização

dependia da linguagem: as ideias circulavam cada vez mais pela palavra impressa e pelas ondas eletromagnéticas — “pelo ar, a milhares de quilômetros”, como na citação inicial deste artigo — colocando em movimento os mecanismos complexos de formação de consenso e identificação coletiva.

JACK LONDON: ENTRE O MERCADO E A REVOLUÇÃO

Dois fatores complicam o caso individual de Jack London. Em primeiro lugar, trata-se de um autor que desde jovem ganha dinheiro por meio da venda de seu trabalho para jornais e revistas. Portanto, a comunicação eficiente com seu público é requisito de sobrevivência. Em segundo lugar, London é um escritor engajado com o socialismo. Ele não se presta a fazer uma análise supostamente desinteressada, como acadêmico. Há uma mensagem óbvia a ser transmitida. Ambos os fatores têm implicações sobre sua linguagem.

O problema do *escritor no mercado* no contexto norte-americano é o foco da obra de Michael Gilmore. Em *American Romanticism and the Marketplace* (1985), o pesquisador examina a literatura do país no século XIX e mostra como o estilo de autores individuais reflete posições específicas em relação ao mercado. Lidar com a transformação do público leitor — a *formação* do público,

no sentido de Antonio Candido — implica, desde muito antes do período de London, diferentes estratégias narrativas. Em *Surface and Depth: The Quest for Legibility in American Culture* (2003), Gilmore expande seu recorte temporal para examinar desde os documentos fundadores da república dos Estados Unidos até a literatura do início do século XX. Nessa obra, o conceito de “demanda por legibilidade” ultrapassa a literatura para ser aplicada a diversas manifestações culturais. Central à análise de Gilmore está o problema de *visibilidade*, que significa simultaneamente desejo por transparência e necessidade de exibição no mercado. Gilmore chega, inclusive, a relacionar cinema e psicanálise como o entrecruzamento das manifestações artística e científica da vontade (foucaultiana) de saber (FOUCAULT, 2018). Já notamos, com Ward, que as ciências biológicas estão imbricadas na necessidade de aumentar a visibilidade e a legibilidade dos fenômenos, assim como as ciências sociais devem tomar emprestado ou inventar métodos de representação que façam jus a seus objetos.

Há uma importante discordância de Gilmore em relação a Foucault: a demanda por legibilidade, para o crítico, não implica em submissão dos desfavorecidos por meio da vigilância panóptica. Gilmore vai inclusive mostrar que Bentham se opunha às elites poderosas e aos

monopólios, e que sua intenção ao sistematizar esquemas de vigilância era “abrir o governo para o escrutínio popular” (GILMORE, 2003, p. xiii). Em outras palavras, Bentham pretendia facilitar a supervisão e o escrutínio de baixo para cima. Assim como os cientistas mais idealistas, o conhecimento ofereceria instrumentos de emancipação e liberdade para quem o controla. É o mesmo argumento de Bernays, exposto acima. Devemos ressaltar que a avaliação das consequências da visibilidade define enormemente os enredos e estilos narrativos: no modelo clássico foucaultiano, transparência e visibilidade levam ao totalitarismo — e o exemplo paradigmático, citado por Gilmore (2003, p. 183), é o “Grande Irmão” de *1984* (ORWELL, 1987). Em distopias desse tipo, para escapar do poder é preciso manter segredos e buscar espaços de ocultamento/liberdade pessoal. Gilmore vai mostrar que diversos escritores do século XIX encontravam-se na difícil posição de ter que oferecer suas ideias no mercado, mas precisavam manter ocultas, com códigos, alusões e alegorias complexas de serem decifradas, suas opiniões controversas ou impopulares — especialmente em relação à escravidão e à raça. É o caso, por exemplo, de Melville e suas novelas, “Benito Cereno” e “Billy Budd” (GILMORE, 2010).

Obviamente, tudo depende da relação do escritor com o poder instituído e de suas convicções a respeito

da possibilidade de encontrar leitores afins. Se não há incompatibilidade entre a ideologia dominante, no sentido mais vulgar, e as ideias colocadas no mercado, o problema inexistente. Ideólogos do *status quo* podem se dar ao luxo de ser objetivos. No caso de London, as ideias expressas em seus romances de caráter pedagógico e em seus ensaios, não são exatamente hegemônicas, mas ele encontra uma forte base de leitores desde muito cedo e conhece de perto movimentos populares e revolucionários autênticos (TICHI, 2017). Na juventude, London realiza os mais diversos trabalhos braçais e não consegue permanecer na universidade por falta de dinheiro. Dedicando-se, então, à educação popular, onde é obrigado outra vez a tornar comunicáveis ideias e conceitos complexos. Diferentemente de acadêmicos e escritores que há muito abandonaram a ideia de uma revolução, e por isso podem se dar ao luxo da minúcia e/ou do obscurantismo, ou que precisam cifrar seus escritos, London vive em um momento de expansão do socialismo nos Estados Unidos e encontra um público que também acredita e anseia pelo esclarecimento. Um público que lê seus panfletos e que não vê motivo para ofuscação. Em seus ensaios, por exemplo, London pode acusar explicitamente de “sonâmbulos” (2014b) todos os que se submetem à “brutalidade e à carnificina” da “vida comercial”. Denunciando a hipocrisia desse tipo, London escreve:

Ele ergue as mãos horrorizado ao pensar num boxeador bruto, então senta-se à mesa e se esbalda com um rosbife, sangue vermelho correndo sob cada estocada do implemento chamado faca. Ele tem um pedaço de tecido, que chama de guardanapo, utilizado para limpar seus lábios (...). (2014b, p. 7406)

O trecho lembra os argumentos dos jovens de *The Scarlet Plague*: por que chamar vermelho de escarlata e pedaço de tecido de guardanapo? Já vemos um indício importante de que há uma diferença entre a perspectiva de Granser, a do narrador da novela e as posições do autor Jack London. Assim, a novela não pode ser considerada como um apelo em nome da civilização contra a barbárie, mas como um confronto complicado e ambíguo, com perdas e ganhos. O estilo simples e a vida próxima à natureza imediata apelam a London, autor de romances como *Call of the Wild* e *White Fang*.

Mais adiante, ainda em “Os sonâmbulos”, ele traduz as relações abstratas de exploração para torná-las mais visíveis, comentando primeiro suas aventuras como pirata de ostras e depois como trabalhador braçal na indústria:

Era roubo, admito, mas era precisamente o espírito do capitalismo. O capitalista sarrupia as posses de seus semelhantes por meio de descontos, ou traindo-lhes a confiança, ou

comprando senadores e juízes da suprema corte. Eu estava verde. Essa era a única diferença. Eu usava uma arma. (...) Os dois homens que substituí em uma fábrica recebiam, cada um, quarenta dólares por mês; eu estava fazendo o trabalho de dois por trinta dólares por mês. (2014b, p. 7496)

Assim como admite ter sido um ladrão, London desnuda os roubos comuns permitidos pelo capitalismo, que exploram seus trabalhadores, economizando e cortando benefícios sempre que o mercado permite.

O autor se encontra no clímax de uma tradição socialista que ainda não precisa refletir tão rigorosamente sobre sua linguagem, pois presume que haja leitores, companheiros, movimentos em comum. Escreve para os seus e arrebatava simpatizantes quando pode. Mas London também é uma figura de transição, que negocia suas formas de acordo com o público-alvo, adquirindo tons alegóricos em seus romances mais conhecidos, que não serviriam aos ensaios políticos. Artistas engajados das décadas posteriores assistirão ao progresso mais radical dessa situação. Brecht escreve que é “mais necessário do que nunca falar a língua [do povo]” (1964, p. 107), frase que sintetiza uma obra dedicada ao problema da comunicação e da elaboração de uma estética para dar conta da tarefa. Mas a consciência de haver uma “língua do

povo” e de que é preciso esforçar-se para conseguir dominá-la já indica uma cisão irreversível. Assim como em London, o método de Brecht não significa exatamente simplificação, mas o desnudamento da “rede causal da sociedade” (1964, p. 109). Não consiste em reduzir ao menor denominador, nem depende da “representação da realidade superficial, realizada pelo naturalismo” (1964, p. 110) — pelo contrário, parte do concreto para “encorajar a abstração” (1964, p. 109). Como uma ciência empírica, aliás. Ou como o próprio método de Marx, que alterna exemplos palpáveis, perseguindo os objetos e seus preços desde a matéria-prima até o resultado na mercadoria ao longo da cadeia produtiva para deduzir leis abstratas de funcionamento do capital. Para Brecht, não se trata apenas de uma modulação de linguagem, ou da introdução, um tanto esquemática e forçada, de longos trechos de exposição disfarçados de narrativa, mas da necessidade de inventar meios e procedimentos inteiramente novos para comunicar a experiência e estimular a reflexão. Simone Weil, alvo de perseguição do nazismo, professora, operária e ensaísta, vai falar inclusive em *tradução*, para superar a lacuna que separa a “condição operária”, ou sua “disposição particular de sensibilidade”, e “o que foi elaborado por outros e para outros” (1979, p. 365).

DOIS MODERNISMOS

É possível perceber que estamos tratando, na verdade, da transição para o período das vanguardas modernistas. Aqui, precisamos retomar uma distinção fundamental feita por Raymond Williams (2007). Para o autor, há *dois modernismos*, distintos pela relação que estabelecem com a *língua* e com o projeto de *revolução*. Ambos pressupõem a consciência da dissolução das comunidades e das relações tradicionais com a passagem da cidade para o campo. A cidade e seu habitante — frequentemente o *exilado* (imigrante, solitário ou alpinista social) que deve abandonar suas alianças de classe, família e religião, e se deparar com outros indivíduos igualmente desorientados — são fundamentais para a conceitualização que Williams elabora do modernismo. A transformação de fundo, mais uma vez, é a consciência dos problemas de comunicação e o despertar da percepção da arbitrariedade da linguagem e dos meios/mídias. A diferença entre ambos os modernismos, contudo, reside no tipo de resposta possível. No primeiro modelo, exemplificado por Brecht, a consciência do caráter social da linguagem leva a esforços de tradução e de reinvenção estética que incorpore vozes plurais. Seus autores percebem a experiência estética como um campo especial, que possibilita a articulação dessa pluralidade, *mas não exclusivo*, já que ainda acreditam na transformação social através da

política. O segundo modelo, por outro lado, percebe a língua como um empecilho para a revelação da “consciência autêntica” (WILLIAMS, 2007, p. 74). Meios vulgares de expressão são preteridos em favor de uma linguagem própria, idiossincrática, pura. Para ultrapassar os solipsismos da geografia e da classe, mas rejeitando qualquer tipo de associação explicitamente política, os artistas se reúnem em torno de referências em comum. Formam grupos intelectuais e cliques que se concentram na *mídia*, na materialidade dos meios de expressão. Recuperam, retrospectivamente, uma “tradição” e elegem-se como seus guardiões. Contra a cultura de massa, impõem uma noção de *alta cultura*: a ligação essencial com as consciências do passado que são reinterpretadas, através do prisma contemporâneo, como manifestações de artistas individuais em busca pela expressão mais aguçada. Como ressalta Williams, formam uma *tradição seletiva*, ocultando nos autores do cânone eleito o que é político, controverso e contingente, para enfatizar o etéreo e o eterno.

Central à compreensão de Williams, mas articulado de forma menos explícita, está uma antinomia no modo como as vanguardas avaliam as formas de produção material e cultural em massa. Desde o romantismo, perante o mercado, o artista se defronta com o problema da comunicação. Cria-se a impressão de que é preciso escolher. De um lado,

as convenções da indústria cultural parecem curvar-se à “psicologia da multidão” (título original do livro de Le Bon, adaptado para o inglês como *The Crowd*, “a multidão”), aos instintos basais e ao comércio. Do outro, a alta cultura reserva um espaço que, por definição, é elitista e antidemocrático, o lugar de gênios. O problema, no entanto, é que exemplos extremos são raros. Particularmente nos Estados Unidos, sem uma cultura aristocrática centenária e sem a possibilidade de viver “fora” do mercado, a maioria dos artistas encontra-se na complicada posição ambígua entre os dois polos. *The Scarlet Plague* sedimenta a questão, elaborando a antítese entre Granser, o professor de literatura que assistiu à derrocada da sua ideia de cultura, e o mundo bárbaro e iletrado pós-apocalipse. A principal tensão da novela se pauta justamente pelas ambiguidades geradas a partir da polarização: o leitor pode simpatizar com a profunda perda de Granser, mas sua posição é também ridicularizada. O velho professor, “balbuciando [*babbling*] sozinho”, retornava ao “inglês puro. As frases ficavam cada vez mais longas e eram enunciadas com um ritmo e com uma facilidade que lembrava a plataforma de palestra”. Havia “pistas de construção gramatical, e apareciam os vestígios de alguma *cultura superior*” (LONDON, 2011b, p. 8, grifo nosso); mas sua linguagem “pura” era, no final, incomunicável. No final do embate acerca das palavras “vermelho” ou “escarlate”, o que os jovens criticam é o

elitismo do velho. “O que é *educação*? — perguntou Edwin. — Chamar vermelho de escarlate — zombou Hare-Lip” (LONDON, 2011b, p. 7, grifo do autor). Assim como o ensaísta London, que desmascara o uso ideológico das palavras, chamando as coisas pelo nome, os jovens bárbaros compreendem que o controle pelas palavras também é uma disputa de poder — e o antigo status de Granser não vale mais nada. Brecht, mais tarde, afirmará: “Existem coisas altamente culturais [*highly cultured stuff*] feitas para a minoria, *projetadas para formar minorias*” (1964, p. 111, grifo nosso). A educação artística e literária, vista assim, é apenas um elemento de distinção que confere capital simbólico, nos termos de Bourdieu (2011). No último capítulo da obra do sociólogo, aliás, ele comenta a respeito da dicotomia gerada entre “o gosto pela reflexão” e o “gosto pelos sentidos” (2011, p. 451), outra forma de denominar a dicotomia, que também vemos articulada na novela, entre civilização e barbárie, entre (alta) cultura e animalidade.

Voltando ao mundo das ciências biológicas, Servitje (2016) relaciona o vocabulário e os métodos da epidemiologia ao conceito de cultura, discutindo Matthew Arnold, um dos maiores inspiradores das posições modernistas. Ele mostra como Arnold é influenciado pelos termos das teorias de germes e de contágio, que estavam se desenvolvendo durante sua vida, e aplica-os em seu

conhecido modelo de (alta) cultura *versus* anarquia. Se ideias podem ser transmitidas como bactérias, os intelectuais ganham o status de médicos, responsáveis pela saúde espiritual da população. Eles devem, igualmente, alertar para os perigos de “ideias e afetos potencialmente perigosos” (2016, p. 23) — não por acaso, ideias e afetos advindos das classes trabalhadoras organizadas. É já bem conhecido dentre os historiadores da literatura o fato de que os ensaios de Arnold em *Culture and Anarchy* tiveram como alvo imediato condenar os protestos no Hyde Park em 1866, organizados pela Reform League que pediam direito de voto e que terminaram em confrontos violentos com a polícia (EAGLETON, 1978; SERVITJE, 2016, p. 27; WILLIAMS, 2005). Além da motivação política direta, no entanto, os ensaios são tão influentes porque conseguem agregar significados em torno da dicotomia principal que sintetiza. Ele passa a tornar-se um libelo conservador contra a vulgaridade, as massas e o mercado, termos que se associam, como na novela de London e na obra dos intelectuais citados ao longo do artigo, à degeneração física, à corrupção moral, à barbárie e à doença.

CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, com apoio de Wald (2008), esperamos ter explicado as conexões entre as ciências epidemiológicas e a pesquisa social que se estruturava na

passagem do século XIX para o século XX. Enfatizamos dois aspectos: a concepção de multidão/massa e a busca por uma linguagem própria capaz de explicar a transmissão (ou contágio) de ideias e comportamentos — a recém-criada definição de cultura. Teóricos e reformistas, jornalistas e comunicadores, polemistas e escritores do período apareceram neste artigo em sua estreita relação com os movimentos políticos. Esperamos ter demonstrado ainda que a obra de Jack London pode ser lida como uma tentativa de articular tais questões ensaística e ficcionalmente. Em particular, vimos que *The Scarlet Plague* narra uma situação distópica provocada por uma pandemia de grandes proporções, e que a novela pode ser lida como uma articulação dos problemas de comunicação entre as posições irreconciliáveis em uma dicotomia de civilização-barbárie comum às reavaliações conceituais da época.

A partir de então, seria improdutivo continuar com a análise da novela a partir da perspectiva de teorias do contágio. Por isso, aprofundaremos a discussão em um novo artigo, que se concentrará na figura ambígua e no papel social do *intelectual* do período, problematizado no conto pelo personagem de Granser, mas presente na obra de London como um todo, seja na figura do arrivista que almeja o reconhecimento intelectual (*Martin Eden*), ou no retrato do revolucionário-palestrante (*The Iron Heel*). Já é

possível, no entanto, vislumbrar algumas das principais questões e suas consequências.

A Era Progressista, como afirmamos no início deste artigo, é caracterizada por um prolongamento do movimento Populista. No entanto, o Progressismo também é responsável por conter o impulso revolucionário do populismo e do socialismo, característicos do século XIX (DORSON, 2018; LEPORE, 2018). Autores progressistas, como Lippmann, vão na realidade coordenar reformas sociais que apaziguam as contradições entre trabalho e capital, buscando evitar a situação de anarquia supostamente derivada de um governo popular. Além disso, o Progressismo alastra e amplia a ideologia da *eficiência*, que informará a indústria fordista-taylorista e o pensamento técnico-pragmático nos Estados Unidos durante toda a primeira metade do século XX. A linguagem transparente de London e seu principal herói revolucionário, Ernest Everhard (de *The Iron Heel*), tematizam a revolução, mas sua forma se pauta pelos valores da eficiência e da mecanização, em busca de leis e de mecanismos de funcionamento social, consoante às ciências da época e aos avanços da engenharia. Romances como *White Fang* e *The Call of the Wild*, por exemplo, expressam e reforçam o desejo tipicamente norte-americano de um retorno à natureza primitiva, que contrasta, mas não se

opõe de fato, com ideais compartilhados pela indústria moderna e pelo empreendedorismo individual de um capitalismo descontrolado. Animalidade e eficiência se revelam também como uma exaltação da *masculinidade*, tema explorado por Bollinger (2016) em seu ensaio a respeito de obras que tratam de pandemias. Além disso, a obra de London também deixa entrever ideais eugenistas (LUCZAK, 2015), compartilhados por diversos escritores e intelectuais do período (DORSON, 2018, p. 5) e colocados em prática na legislação por grupos da elite (BLACK, 2012; STERN, 2011).

A reação da Era Progressista aparece na economia conforme “novos” liberais atuam contra o socialismo, conforme demonstram as obras sobre o Colóquio Walter Lippmann, citadas acima. Na literatura, o modernismo divide-se em impulsos revolucionários e conservadores, e muitas vezes sedimenta formalmente a ideologia do progresso e da técnica (TICHI, 1987). No artigo futuro, procuraremos, então, compreender como o pivô dessas relações é o *intelectual*, essa classe ambígua e contraditória, conforme a discussão clássica de Wright (1979). No entanto, esperamos que no artigo presente já seja possível entrever que todas as figuras que examinamos partem da perspectiva do trabalho mental, do confronto com o mercado e da busca por uma articulação entre ideais e

necessidades materiais. Suas obras reproduzem uma relação oscilante entre suas concepções de individualidade e de massa (CAREY, 2002). *The Scarlet Plague*, portanto, é um exemplo de figuração da perspectiva do intelectual e também uma reflexão a respeito de sua impotência em um período de intensa transformação epistemológica e estética.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BELLAMY, E. **Looking Backward: 2000–1887**. Chicago: F. J. Schulte & Co, 1890.
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197–221.
- BERNAYS, E. L. **Propaganda**. New York: Horace Liverlight, 1928.
- BLACK, E. **War Against the Weak: Eugenics and America's Campaign to Create a Master Race**. Expanded Edition. Washington, DC: Dialog Press, 2012.
- BOLLINGER, L. Figuring the Other Within: The Gendered Underpinnings of Germ Narratives. In: NIXON, K.; SERVITJE, L. (Ed.). **Endemic: Essays in Contagion Theory**. London: Palgrave Macmillan, 2016. p. 243–264.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Zouk, 2011.
- BRECHT, B. The Popular and the Realistic. In: _____. **Brecht on Theatre: The Development of an Aesthetic**. New York: Hill and Wang, 1964. p. 107–114.
- CAREY, J. **The Intellectuals and the Masses: Pride and Prejudice Among the Literary Intelligentsia, 1880–1939**. Chicago: Chicago Review Press, 2002.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DENORD, F. French Neoliberalism and Its Divisions: From the Colloque Walter Lippmann to the Fifth Republic. In: MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. (Ed.). **The Road from Mont Pèlerin: The Making of the Neoliberal Thought Collective**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009. p. 45–67.

DONNELLY, I. **Caesar's Column: A Story of the Twentieth Century.** Chicago: F.J. Schulte & Co, 1890.

DORSON, J. The Rise of the Small Business Owner in Progressive Era Culture. **American Studies Journal.** Göttingen, v. 65, p. 1–12, 2018.

EAGLETON, T. Matthew Arnold. In: _____. **Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory.** London: Verso, 1978. p. 104–110.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade do saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GILMORE, M. **American Romanticism and the Marketplace.** Chicago: University of Chicago Press, 1985.

_____. **Surface and Depth: The Quest for Legibility in American Culture.** New York: Oxford University Press, 2003.

_____. **The War on Words: Slavery, Race, and Free Speech in American Literature.** Chicago: University of Chicago Press, 2010.

GIRARD, R. The plague in literature and myth. **Texas Studies in Literature and Language,** Austin, v. 15, n. 5, p. 833–850, 1974.

GRAMSCI, A. The Intellectuals. In: _____. **Selections from the Prison Notebooks.** Tradução de Qvention Hoare e Geoffrey Nowell Smith. New York: International Publishers, 1971. p. 3–23.

JAMESON, F. The Theoretical Hesitation: Benjamin's Sociological Predecessor. **Critical Inquiry,** Chicago, v. 25, n. 2, p. 267–288, 1999.

LE BON, G. (1895) **Psychologie des foules.** 40. ed. Paris: Librairie Felix Alcan, 1937.

LEPORE, J. **These Truths: A History of the United States.** New York, NY: W. W. Norton, 2018.

LIPPMANN, W. (1922) **Public Opinion.** New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

LONDON, J. (1908a) **The Iron Heel.** Edição digital. [S. l.]: Digireads.com, 2011.

_____. (1902a) **The People of the Abyss**. Edição digital. [S. l.]: Heritage Illustrated Publishing, 2014.

_____. (1912b) **The Scarlet Plague**. Edição digital. [S. l.]: Golgotha Press, 2011.

_____. The Somnambulists. **In:** _____. **Complete Works**. Edição digital. [S. l.]: Delphi Publishing, 2014b.

_____. What Life Means to Me. **In:** _____. **Complete Works**. Edição digital. [S. l.]: Delphi Publishing, 2014c.

LUCZAK, E. B. "Vast and Malodorous Sea": Racial Degeneration in Jack London's *The People of the Abyss* and *The Scarlet Plague*. **In:** _____. **Breeding and Eugenics in the American Literary Imagination: Heredity Rules in the Twentieth Century**. New York: Palgrave Macmillan US, 2015. p. 67–98

NIXON, K.; SERVITJE, L. The Making of a Modern Endemic: An Introduction. **In:** NIXON, K.; SERVITJE, L. (Ed.). **Endemic: Essays in Contagion Theory**. London: Palgrave Macmillan, 2016. p. 1–18.

ORWELL, G. **1984**. New York: Houghton Mifflin Harcourt Publishing, 1987.

PARK, R. E. Symbiosis and Socialization: A Frame of Reference for the Study of Society. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 45, n. 1, p. 1–25, 1939.

_____. The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 20, n. 5, p. 577–612, 1915.

RIIS, J. A. (1890) **How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York**. New York: Dover Publications, 1971.

RIVA, M. A.; BENEDETTI, M.; CESANA, G. Pandemic Fear and Literature: Observations from Jack London's *The Scarlet Plague*. **Emerging Infectious Diseases**, Atlanta, v. 20, n. 3, p. 1753–1757, 2014.

RODGERS, D. T. Twilight of Laissez-Faire. **In:** _____. **Atlantic Crossings: Social Politics in a Progressive Age**. Cambridge, MA: Belknap Press, 1998. 76–111.

SAMPSON, T. D. **Virality: Contagion Theory in the Age of Networks**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

SARGENT, L. T. Themes in Utopian Fiction in English before Wells. **Science Fiction Studies**, Greencastle, v. 3, n. 3, p. 275–282, 1976.

SERVITJE, L. Contagion and Anarchy: Matthew Arnold and the Disease of Modern Life. **In:** NIXON, K.; SERVITJE, L. (Ed.). **Endemic: Essays in Contagion Theory**. London: Palgrave Macmillan, 2016. p. 21–42.

SIMMEL, G. The Metropolis and Mental Life. **In:** _____. **On Individuality and Social Forms**. Tradução de Edward A. Shils. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

SONTAG, S. **Illness as Metaphor**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1978.

_____. **Illness as metaphor; and, AIDS and its metaphors**. New York: Picador, 1988.

SPENGLER, O. (1918) **The Decline of the West**. Tradução de Charles Francis Atkinson. London: George Allen & Unwin, 1932.

STEEL, R. **Walter Lippmann and the American Century**. Boston: Little, Brown, 1980.

STERN, A. M. From Legislation to Lived Experience: Eugenic Sterilization in California and Indiana, 1907–79. **In:** _____. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2011. p. 95–116.

TARDE, G. (1905) **Underground Man**. Tradução de Cloudesley Brereton. Westport: Hyperion Press, 1974.

TICHI, C. **Jack London: A Writer's Fight for a Better America**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017.

_____. **Shifting Gears: Technology, Literature, Culture in Modernist America**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.

WALD, P. **Contagious: Cultures, Carriers, and the Outbreak Narrative**. Durham: Duke University Press, 2008.

WEIL, S. O desenraizamento. **In:** BOSI, E. (Ed.). **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Tradução de Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 345–372.

WILLIAMS, R. A Hundred Years of Culture and Anarchy. **In:** _____. **Culture and Materialism**. London: Verso, 2005. p. 3–10.

_____. **The English Novel:** From Dickens to Lawrence.
London: The Hogarth Press, 1984.

_____. **The Politics of Modernism.** London: Verso, 2007.

WRIGHT, E. O. Intellectuals and the Class Structure of
Capitalist Society. **In:** WALKER, P. (Ed.). **Between Labor and
Capital.** Boston: South End Press, 1979. p. 191–212.

Recebido em: 31-08-2020.

Aceito em: 22-03-2021.